

## NA HISTÓRIA OS ERROS DO PASSADO SE REPETEM

**Edemar, presidente do Instituto de Engenharia**, alerta para o que **aconteceu e continua acontecendo com a Engenharia Nacional**. Edemar de Souza Amorim é engenheiro Civil e Eletricista pela Universidade Mackenzie e Consultor:

“Qualquer pessoa com um mínimo de interesse por história percebe uma grande diferença na quantidade de ruínas romanas em comparação às construções da baixa idade média, período seguinte à queda de Roma.

A explicação é simples, a **queda de Roma levou consigo um valioso conhecimento sobre construção e o segredo da durabilidade de suas construções** se comparadas com as que viriam a seguir, a argamassa.

As invasões bárbaras perderam a argamassa e **voltaram a construir com tecnologias mais atrasadas**, ineficientes e caras. Construíram mal, viveram mal e muito pouco restou em pé para as gerações futuras.

É como se não tivessem existido.

**A engenharia brasileira hoje corre o mesmo risco**, pois com o passar dos anos a última geração de competentes engenheiros, responsáveis pelas grandes obras do milagre brasileiro, está encolhendo - num processo natural de envelhecimento e aposentadoria - sem que haja no horizonte a esperança de reposição destes profissionais.

Com o Brasil paralisado há 20 anos, toda uma geração de novos engenheiros formou-se para atuar na administração de empresas, no mercado financeiro ou “**virar suco**” em empreendimentos próprios. **A dispensa de profissionais experientes com mais de 50 anos de idade por questões de controle de custos**.

O maior desafio da engenharia brasileira será reverter este quadro dramático, aproveitando a disposição governamental de realizar os necessários investimentos em infra-estrutura represados há 20 anos, **lutando para reinserir no mercado de trabalho os engenheiros experientes**, desenvolvendo metodologias de atualização em novas tecnologias para os mais velhos e de **capacitação técnica para os mais jovens**.

A **preservação e aquisição de conhecimento técnico** são imperativas para o país. Este desafio não é um esforço concentrado de uma entidade ou autarquia.

É um processo com um objetivo comum, que terá de **envolver toda sociedade brasileira, seus profissionais, empresas, escolas e universidades, governos e cidadãos, sem espaço para vaidades e disputas de poder político**.

**O Brasil está perdendo valioso conhecimento técnico acumulado durante seu crescimento**, conhecimento que nos permitiu criar empresas de engenharia de padrão internacional, que nos diferencia de países vizinhos, que nos colocou entre as grandes nações do mundo.

Estamos, por decisão própria, **desistindo de ser romanos para virar um bando de bárbaros”**.

As empresas de economia mista, principalmente a CESP, Companhia Energética de São Paulo, mantinha vinculado ao seu quadro de funcionários, os maiores especialistas em construção de barragens, com reconhecimento internacional.

Com a privatização da CESP, a maioria dos seus técnicos, mesmo sem terem a idade para aposentarem, foram literalmente obrigados à aposentadoria “**compulsória**” (aposentadoria ou reforma imposta a todos os servidores civis e militares quando atingido o limite de idade permitido para o exercício de função no serviço público- dicionário Houaiss).

No meu caso particular, cursei engenharia civil, na Faculdade de Engenharia de Barretos, fundada na gestão do prefeito João Batista da Rocha, meu saudoso pai, e me formei em 1973.

Trabalhei até 1978 como engenheiro calculista autônomo.

Lecionei **Concreto Armado e Protendido** na Faculdade de Engenharia de Barretos e **Estabilidade das Construções** na Faculdade de Engenharia do Triângulo Mineiro, em Uberaba - MG.

Fui contratado pela Companhia Brasileira de Projeto e Obras – CBPO – para trabalhar em 1978 na recuperação das usinas hidrelétricas: Euclides da Cunha e Armando Salles de Oliveira, no rio Pardo, rompidas por uma grande enchente.

Como empregado da CESP, dei minha contribuição na construção das seguintes obras: Usina e Eclusa Porto Primavera no rio Paraná, Aproveitamento Hidrelétrico de Rosana, Usinas Hidrelétricas Canoas I e Canoas II, todas no rio Paranapanema e nas obras inerentes às bacias de inundação, como pontes, estradas, portos, etc.

Também nas obras de apoio como edificação de cidade, (Primavera), escritórios, laboratórios, escolas, hospitais, etc.

Ocupando o cargo de chefe do Setor Técnico, trabalhando na CESP, fui obrigado aposentar-me com apenas 49 anos de idade, e aí também “virei suco”.

**Luiz Antonio Batista da Rocha** –Eng. Civil – Consultor em Recursos Hídricos – Auditor Ambiental – [rocha@outorga.com.br](mailto:rocha@outorga.com.br) – [www.outorga.com.br](http://www.outorga.com.br)